

FORREST GUMP – O DES-CONSTRUTOR DE HISTÓRIAS

Marinês Andréa Kunz
UNISINOS

A narrativa fílmica *Forrest Gump – O contador de histórias* é baseada na obra homônima do escritor Winston Groom e dirigido por Robert Zemeckis. O filme obteve excelente recepção em termos de público e foi o grande favorito para o Oscar de 1995, recebendo, ao final, seis estatuetas, entre as quais a de melhor diretor, de melhor ator e de melhor filme. Contudo, *Forrest Gump* gerou grande polêmica, sendo aplaudido por uns e ridicularizado por outros.

Alguns críticos o consideraram um elogio à burrice: “E o Oscar vai para... quem for mais burro. (...) *Forrest Gump* é um filme que glorifica a burrice. (...) Isso é tranquilizador para milhões de pessoas que acham o pensar rápido um processo doloroso, mas é uma afronta a quem já leu um livro inteiro.” (ZINGG, 1995, p. 5). Outros declararam ser um bom filme por questionar o “american way of life”. Conforme afirma L. C. M., em O Estado de São Paulo, “(...) não é idiota um filme que lança tantas farpas contra o establishment.” (M., 1995, p. D3).

O sucesso, confirmado pelo público e pela Academia, comprova a importância dessa narrativa fílmica no contexto cinematográfico atual; por sua vez, as avaliações negativas instigam uma análise profunda que possibilite esclarecer o motivo de tanta polêmica. Ambas, recepção e crítica contraditória, justificam a escolha feita.

A partir da perspectiva da história do protagonista, a narrativa fílmica pode ser dividida em três grandes seqüências: a primeira, *Greenbow*, período da infância e da adolescência de Forrest; a segunda, *Ritos da Cidadania*, época em que estuda na universidade e serve ao exército; e, por último, a seqüência *Maturidade*, que se estende da saída do exército até a morte de Jenny. Além disso, os episódios apresentados nessas seqüências servem como base para a segunda narrativa, que relata a história americana.

Na seqüência *Greenbow*, Forrest conhece Jenny, sua melhor amiga e grande amor. É através dela que o protagonista descobre sua capacidade de correr. Nessa seqüência, é presentificada a segregação racial pela correlação do nome *Forrest* com o fundador da *Ku Klux Klan* – Nathan Bedford Forrest.

A segunda seqüência, *Ritos da Cidadania*, inicia quando o protagonista corre por um campo em que se desenvolve um jogo de futebol americano e é visto pelo técnico do time. Na imagem seguinte, Forrest está jogando pela universidade, contextualizada pelo seu próprio enunciado: “Dá para acreditar? Eu fui para a universidade também.”, que revela o descrédito que ele mesmo tem dessa possibilidade.

Forrest é vinculado à história americana em várias passagens. Ele se encontra com o Presidente Kennedy, no episódio em que, como membro da seleção de futebol, é recebido na Casa Branca. A Guerra do Vietnã é amplamente abordada, uma vez que Forrest e seu amigo Buba são designados para lutar naquele país, representando a parcela da população americana que não sabe os motivos reais do conflito, mas deve sacrificar-se em nome dele. A chegada do primeiro homem à lua é apresentada por meio de imagens documentárias em um noticiário na televisão, durante um jogo de pingue-pongue. Enfim, é reportado o escândalo do caso Watergate, cujo desencadeador é Forrest, que denuncia, involuntariamente, a atividade de espionagem.

A seqüência *Maturidade* inicia com a função nuclear em que Forrest volta para casa, após receber a dispensa do exército, e se estende até o final da narrativa. No epílogo, a ida do pequeno Forrest à escola é a função nuclear que remete à natureza cíclica do relato, que, ao presentificar a experiência vivenciada pelo protagonista, sugere a abertura de novas seqüências, ainda que não

enunciadas. Nesta, a narrativa da história americana é menos evidente, e os fatos referidos são os atentados aos Presidentes Ford e ao Presidente Reagan.

O estudo dos programas e percursos narrativos mais significativos dessa narrativa fílmica impõe algumas conclusões. O protagonista, Forrest Gump, não assume o papel de sujeito do fazer e do poder-fazer; pelo contrário, ele é sempre o actante a ser dotado por outro de algum valor modal, tornando-se, só então, capaz de realizar as tarefas pretendidas. Além disso, ele é manipulado pela universidade e pelo exército. Enquanto herói de guerra e jogador de futebol e de pingue-pongue, essas instituições exploram-no de acordo com seus interesses. Também Buba e Jenny exercem manipulação sobre Forrest, embora de forma diferente, tendo em vista que lhe trazem vantagens, substituindo o estado disfórico da privação pelo de completude: a sociedade com Buba na pesca de camarão torna Forrest milionário, e o casamento com Jenny é o que ele desejava toda a sua vida. Contudo, em alguns momentos, Forrest também é sujeito transformador, conjugando papéis de sujeito e de destinador, pois modifica os estados dos outros actantes. Isso ocorre quando ele salva Jenny de seus agressores, retira seu pelotão da zona de ataque vietnamita e denuncia a espionagem que leva à renúncia de Nixon.

A análise do sistema actancial conduz ao estudo das personagens, entrevistas já não como agentes da transformação de um estágio de equilíbrio em outro, mas como signos construídos ao longo da narrativa por meio do nome, da caracterização, do registro enunciativo e de sua inserção no espaço sócio-cultural, instituído ficcionalmente. Dessa forma, a personagem constitui-se em uma unidade discreta, que se estrutura em oposição às demais e aos componentes do universo diegético.

A mãe do protagonista é revelada como uma mulher determinada, que não mede esforços para ajudar, compreender e defender o filho. Vestidos floreados com rendas, como também chapéus marcam a feminilidade da mãe, sem anular seu caráter independente, na medida em que vivem sem marido, provendo sozinha o sustento da família. Ao contrário de Forrest, a personagem relaciona-se bem com as demais, mostrando-se desinibida, mas rompendo com padrões de comportamento, o que é explicitado na cena em que ela interpela os senhores que a observam, quando auxilia Forrest a soltar o aparelho ortopédico de uma grade.

Além da mãe, o protagonista também é caracterizado por índices importantes, como, por exemplo, o nome Forrest, relacionado ao fundador da Ku Klux Klan. A mãe justifica a escolha, afirmando o objetivo de mostrar que, às vezes, “fazemos coisas sem sentido”. Da mesma forma como o General Nathan Bedford Forrest cria, sob a ótica da personagem, um movimento absurdo, também o nascimento de Forrest pode ser interpretado como decorrente de um fato sem sentido. Assim, o nome Forrest passa a ser o estigma, a marca que acompanha o protagonista ao longo de sua vida, sendo o significante a reforçar o significado de suas ações, por vezes desconexas, outras absurdas e, mesmo quando adequadas, inaceitáveis sob a ótica do senso comum.

O protagonista é apresentado, ao longo da narrativa, como alguém incapaz de gerir sua própria vida, devido a seu QI abaixo da média. Assim, desde criança, ele é auxiliado por alguém: primeiro pela mãe e depois por Jenny. Enquanto adulto, seu amigo Buba lhe dá um rumo profissional: a pesca de camarão, empreendimento no qual é acompanhado pelo Ten. Dan. Falecida a mãe, Forrest retorna a Greenbow, onde passa a cortar grama de graça para a prefeitura, embora detenha um diploma universitário e a condecoração de herói esportivo e militar, o que demonstra a sua incapacidade de inserção social.

Os aspectos físicos do protagonista reforçam sua caracterização sígnica. Forrest, quando criança, é apresentado como um menino superprotegido pela mãe, o que é evidenciado na cena em que ele embarca no ônibus escolar segurando sua maçã, revelando sua ingenuidade. À medida em que cresce, o protagonista torna-se um rapaz alto e forte, mas com uma forma peculiar de se

vestir: camisas xadrez e calças apertadas e curtas para seu tamanho. Além disso, o corte de cabelo é idêntico ao usado por doentes mentais. Da mesma forma, seus gestos desajeitados e quase infantis são índices que corroboram seu aspecto desequilibrado.

Observa-se que o protagonista, devido à sua condição cognitiva, não consegue assimilar determinadas regras, como, por exemplo, as do futebol americano, apesar de levar o time da universidade à vitória. Enquanto Forrest corre sem rumo pelo campo, a torcida e um painel eletrônico, em que está escrito “go”, tentam indicar-lhe a direção correta. Além disso, os recursos visuais, bem como a expressão verbal, deixam evidente que Forrest ingressa na universidade por sua capacidade física, o que constitui uma crítica ao sistema de ensino americano. Essa é reforçada na formatura de Forrest, quando ele afirma: “Dá para acreditar? Depois de cinco anos jogando futebol, me deram um diploma.” A interrogação ganha uma conotação sarcástica, já que assinala, sob a perspectiva do próprio beneficiário, sua incapacidade de alcançar o diploma.

Forrest agrega traços, como o da incapacidade de dominar o código lingüístico face à sua contextualização, que o caracterizam como deficiente e incapaz de perceber a importância dos fatos. Isso fica claro no manifesto pelo livre ingresso de estudantes negros na universidade. Em um diálogo mantido com um colega que afirma que “macacos” (estudantes negros) querem estudar com eles, Forrest pergunta: “Macacos? Quanto tem bicho em casa, mamãe espanta com a vassoura.”. Essa passagem evidencia a dificuldade de se comunicar com os outros, uma vez que a decodificação de palavras ou situações se limita, para ele, ao sentido literal ou aparente.

Depois de voltar da China, em uma entrevista à televisão, com a presença de John Lennon, Forrest repete frases-feitas, manifestando-se sobre uma realidade que ele desconhece e sobre a qual também não tem condições de refletir. Assim, através da personagem, é evidenciado o jogo de manipulação do governo americano em sua política de dominação.

Entre as marcas que expõem a deficiência de Forrest, é necessário ressaltar ainda seu desconhecimento quanto às relações físicas entre homens e mulheres. Jenny se despe à sua frente e conversa com ele sobre seu envolvimento com as mulheres, ele, porém, revela-se totalmente ignorante no assunto, ficando constrangido com a situação. Assim, Forrest é constituído por inaptidões que vão da limitação mental até a incapacidade de compreender reações instintivas, embora detenha um diploma universitário e a condecoração de herói esportivo e militar.

Além disso, o protagonista não dirige carro algum durante toda a narrativa, exceto a lenta máquina de cortar grama. Ironicamente, ele se vale sempre da forma mais primitiva de locomoção: a caminhada e a corrida, apesar de ser um magnata da indústria do camarão. Esse índice aponta também para a inadaptação de Forrest à vida, na sociedade atual.

Em contraposição a Forrest, Jenny é figurativizada desde menina como decidida, esperta e corajosa, uma vez que vai sozinha, à noite, dormir no quarto de Forrest. Ela também é inteligente, ajudando o amigo a aprender a ler. Ainda criança, a personagem pensa em fugir da realidade opressora, o que fica claro na oração que faz ajoelhada em meio ao milharal: “Deus, me faz virar um pássaro para eu poder voar para bem longe daqui.”. Os pássaros são, portanto, significantes que inscrevem a ânsia da personagem por sua liberação, que, alcançada na morte, é presentificada pelo vôo de aves brancas junto ao túmulo.

A apreensão das personagens como signos em correlação permite afirmar que tanto Forrest como Jenny estão presos pelas realidades em que vivem, embora sejam distintas. Forrest é marcado por sua limitação cognitiva, uma vez que possui um Q.I. abaixo da média e, apesar de viver em um ambiente familiar saudável e estimulante, não se liberta de sua prisão cognitiva. Jenny, ao contrário, sofre limitações psíquico-afetivas, tendo em vista que provém de um ambiente familiar repressivo, traumático e decadente.

Outra personagem que se destaca é Buba, o melhor amigo do protagonista. Buba também é limitado, tendo em vista que toma atitudes semelhantes às de Forrest. Contudo, Buba tem um

objetivo na vida: comprar seu próprio barco para pescar camarão. Para isso, ele propõe ao amigo a sociedade no negócio. Esse objetivo é tão forte que serve como mecanismo de fuga, pois ele fala constantemente a Forrest sobre a pesca e as várias formas de preparar camarão. Já o Ten. Dan, sob cujo comando Forrest e Buba estão na guerra do Vietnã, é oriundo de uma família tradicional de militares, sendo exemplar no desempenho de sua função, representando, inicialmente, o próprio exército. Posteriormente, sem as duas pernas e vivendo de uma pensão do Estado, o tenente é tomado por um grande ódio e revolta quando Forrest, um idiota, é condecorado pelo Presidente da República. Mais tarde, auxiliando o protagonista a pescar e a gerenciar a empresa Buba-Gump, Dan reencontra o sentido da vida.

Os amigos do protagonista, Jenny, Buba e o Tenente Dan, integram-se por serem, como ele, excluídos da sociedade. Jenny provém de uma família pobre, com problemas como alcoolismo e abuso sexual, tornando-se uma consumidora de drogas; Buba, além de ser negro e pobre, possui também certa deficiência cognitiva; e, por fim, o Tenente Dan, após o ataque sofrido na guerra, torna-se um deficiente físico por ter as pernas amputadas e passa a carregar o estigma de ser um inválido da Guerra do Vietnã.

A narrativa de Forrest e da sociedade americana apresenta uma peculiaridade, uma vez que é dotada de um caráter circular: o início é marcado pela pena levada até Forrest, que a guarda em seu livro; ao final, ela cai, sendo novamente soprada pelo vento, mas, desta vez, para longe do protagonista. A narrativa se dá, então, durante a permanência da pluma dentro do livro, que simboliza, igualmente, a própria arte de narrar, que seduz o espectador pelo inesperado de suas descobertas.

Faz-se necessário destacar o caráter metafórico da pena, como também a simbologia dos pássaros brancos, da caixa de bombons e do livro de histórias de Forrest. À pena são atribuídos significados simbólicos que ajudam a compreender a narrativa. Assim, a pena que, em forma de coroa, enfeita os predestinados, caracteriza Forrest como tal, uma vez que, apesar da limitação intelectual, consegue tornar-se um famoso jogador de futebol, um herói de guerra e um milionário da pesca de camarão. Além disso, justamente por sua deficiência, ele se assemelha novamente à pena, que está livre “dos pesos deste mundo” (CHEVALIER, 1988, p. 725), podendo, assim, ser levada ao sabor do vento. Portanto, é necessário enfatizar a predestinação que agrilhoa o homem, pois não se pode fugir do destino que lhe foi prescrito.

Ao final da narrativa, o próprio Forrest traz a chave da questão quando diz a Jenny, em seu túmulo: “Não sei se mamãe está certa ou se é o Ten. Dan que está. Não sei se cada um tem um destino ou se só flutuamos sem rumo, como numa brisa, mas acho que talvez sejam ambas as coisas. Talvez as duas coisas aconteçam ao mesmo tempo.” A reflexão do protagonista aponta para a predestinação, explicando como, paradoxalmente, alguém limitado como ele pode ser herói de guerra e milionário. Através de sua conclusão, é retomado também o tema da falta de liberdade, pois o destino, representado pelo vento que carrega a pena, cerceia a vontade do indivíduo.

Os pássaros, entretanto, contrapõem-se à predestinação, pois simbolizam a liberdade, que é tão procurada por Jenny. Ela expressa várias vezes o desejo de encontrá-la, como, por exemplo, na oração: “Deus, me faz virar um pássaro para que eu possa voar para bem longe daqui.”, ou mesmo nas tentativas de suicídio, quando ameaça jogar-se da ponte e do alto de um prédio, como se fosse alçar o vôo da liberdade. Entretanto, as aves também representam um aspecto negativo como a instabilidade (CHEVALIER, 1988, p. 687), que é característico da personagem. Essa marca é percebida em suas constantes partidas e na busca de solução para seu envolvimento com drogas.

A música-tema da personagem Jenny, *Blowing in the wind*, sintetiza a questão da liberdade quando pergunta sobre “quantos caminhos um homem deve percorrer antes de ser chamado de

homem?/ quantos mares deve a pomba branca sobrevoar antes de dormir na areia?/ quantas vezes uma bala de canhão terá que ser disparada antes de ser banida para sempre?”. Além disso, indaga sobre quantos anos uma montanha pode existir até ser levada para o mar. No verso seguinte, está a questão fundamental: “quantos anos algumas pessoas precisam existir até poderem ser livres?” Nos demais versos, o questionamento gira em torno da sensibilidade do próprio ser humano para consigo e, principalmente, para com seu semelhante: “quantas vezes um homem conseguirá virar a cabeça como se nada tivesse visto?/ quantas vezes um homem vai olhar para cima antes de ver o céu?” Nos dois últimos versos, a menção ao próximo é mais evidente: “quantos anos uma pessoa precisa ter para que ela comece a ouvir o choro dos outros?/ quantas mortes haverá até que se saiba que muita gente já morreu?”. No refrão, é apresentado o vento como o portador da resposta para essas indagações: “a resposta, meu amigo, está sendo soprada pelo vento”.

A música também se refere à prisão cognitiva e afetiva do homem, que se estende à falta de sensibilidade, de amor e de solidariedade. Essa prisão é a maior das prisões, pois é a base do relacionamento entre os seres humanos, fundamental para um bom convívio em sociedade.

Significativa também é a cor branca dos pássaros, na medida em que é a cor da morte seguida de renascimento, reforçada aqui pela simbologia do pássaro, que representa as almas liberadas, isto é, prontas para a reencarnação. Assim, Jenny, através de sua morte, torna-se livre e pronta para renascer.

Além disso, o branco é a cor da candura e da pureza de espírito, o que caracteriza a aura inocente do protagonista. Embora sirva aos interesses dos mais poderosos e enriqueça posteriormente, Forrest não perde sua inocência – até por não compreender os fatos –, não sendo corrompido pelo sistema. Desse modo, seu espírito imaculado e puro é também representado pela cor branca da pena.

Apesar das limitações, Forrest torna-se famoso e rico, de modo que sua vida também é comparada a uma caixa de bombons, pois tudo o que lhe acontece é, na verdade, uma surpresa, como o conteúdo da mesma. Valida-se, assim, a filosofia materna, segundo a qual “a vida é como uma caixa de bombons, nunca se sabe o que se vai encontrar dentro dela.”

A pena representa, ainda, a circularidade da narrativa. O protagonista, após juntá-la, guarda-a em seu livro de histórias infantis, que representa, para ele, a sabedoria, a fonte de resposta à busca de sentido para a vida. No momento em que abre o livro para nele colocar a pluma, Forrest oferece ao espectador a história de sua vida, abrindo o coração e expondo sua intimidade, com o intuito de entendê-la. Entretanto, quando sua história chega ao final, a pena cai do livro, que já está nas mãos de seu filho, indicando o início de um novo ciclo, de uma nova narrativa, que não tem lugar aqui.

Urge, ainda, destacar que a história norte-americana é recuperada, por vezes, através de imagens documentais, que são, contudo, adulteradas pela introdução do protagonista, que passa a ter um envolvimento fictício com os acontecimentos. A partir disso, o filme discute o estatuto do registro fílmico, enquanto representação de fatos históricos dignos de credibilidade, questionando, conseqüentemente, a própria veracidade da história oficial, que se apóia nesses documentos.

Assim sendo, invalida a idéia de que a imagem pode ser um meio de acesso à verdade e instabiliza as fronteiras entre a narrativa histórica e a ficcional, pois “reinsere os contextos históricos como sendo significantes, e até determinantes, mas, ao fazê-lo, problematiza toda a noção de conhecimento histórico” (HUTCHEON, 1991, p. 122). A narrativa institui, portanto, a crítica, lembrando que a visão oficial dos fatos é parcial, o que implica sua revisão, isto é, a análise a partir de outros ângulos, como o ficcional. A ficção pode, portanto, visitar criticamente os fatos históricos e questionar a própria escrita da história, já que, como esta, nada mais é do que um discurso que intenta instituir significações.

Nesse sentido, o texto fílmico questiona valores importantes à sociedade norte-americana, lançando críticas à família, ao sistema escolar, ao exército e à segregação racial entre brancos e negros, como também a que se instituiu entre os Estados Unidos e outros países, que, contudo, transcendem as fronteiras do país diegeticamente representado.

O filme revela também uma sociedade de consumo competitiva que supervaloriza a imagem, a ponto de ser difícil distinguir entre o verdadeiro e o virtual. Em tal contexto, o indivíduo é cercado de exigências feitas pelo desenvolvimento econômico e tecnológico, necessitando, enfim, render mais, produzir mais, caso contrário, é considerado inútil. Em uma sociedade assim constituída, não há lugar para o diferente, como também não há espaço para sonhos.

Além de apontar os problemas da sociedade atual, o texto fílmico também recupera a narrativa oral através da personagem central, que põe-se a contar a história de sua vida às pessoas que, como ele, esperam um coletivo. O título escolhido para a versão em português, *Forrest Gump – contador de histórias*, coloca o espectador previamente diante da situação que se instala, isto é, alguém relata acontecimentos. Da mesma forma, o cartaz veiculado sobre o filme mostra um homem sentado em um banco com uma pequena mala, remetendo às origens do relato, em que alguém recém-chegado de uma viagem conta o que viu e vivenciou. Nesse sentido, o homem permanece ligado a suas tradições, aprimorando as técnicas e as formas de relatar eventos, já que a narrativa responde a uma necessidade e desejo humanos.

A narrativa reafirma, portanto, a validade da própria arte de narrar, que se justifica por vários motivos. Por um lado, está o deleite de quem ouve, lê ou assiste à narrativa, podendo emocionar-se e viajar pelo mundo da ficção, vivenciando a realidade estética. Por outro, realiza-se a função da narrativa de desvelar a realidade, pois ela pode servir como denúncia e alerta. *Forrest Gump* concretiza, assim, essa dupla tarefa: proporciona ao espectador o prazer de descobrir as surpresas que, como uma caixa de bombons, esconde sem descuidar-se da finalidade de revelar as contradições humanas e sociais e de instaurar uma reflexão sobre os próprios meios e métodos empregados no processo de representação da narrativa fílmica.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- ZINGG, David D. E o oscar vai para... quem for mais burro. **Folha de São Paulo**. Ilustrada. 23. 03. 1995.
- M., L. C. Destino de Gump é bater recordes. **Folha de São Paulo**. Vídeo, 21. 06. 1995.
- CHEVALIER; GHEERBRATT, **Dicionário de símbolos**. Rio de Janeiro: José Olympio, 1988.
- HUTCHEON, Linda. **Poética do pós-modernismo: história, teoria e ficção**. Rio de Janeiro: Imago, 1991.